
CAPÍTULO 4

CONSTRUINDO UM PROCESSO METODOLÓGICO

“O Qualitativo e o diálogo não são anticientíficos”.

Michel Thiollent (1986, p.23)

4.1 Optando pela Metodologia da Pesquisa-Ação:

Assumimos, para o desenvolvimento das ações propostas, a definição de pesquisa-ação, explicitada por Michel Thiollent, qual seja:

“... é um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo, e, no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 1986, p.14).

Esta opção está relacionada com a nossa história de vida profissional, uma vez que temos atuado, como professora universitária, de forma integrada e participativa com professores e alunos de 1º e 2º graus, como ficou explicitado na introdução do presente estudo. Acreditamos que o nosso compromisso com a sociedade deve se dar no plano do concreto, assumindo que somos capazes de agir e refletir - transformar a realidade. Qual o compromisso da Universidade

com as muitas realidades de um país da América Latina onde imperam a miséria, o cólera, a violência, o analfabetismo etc. Esta tem sido uma preocupação constante quando atuamos como educadora, museóloga e pesquisadora. Por isso, estamos optamos por sair do espaço fechado da universidade, evitando construir uma tese que estivesse destinada somente à academia. Estamos assumindo que há possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que este conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo o papel ativo dos observadores na situação investigada e dos membros representativos desta situação.

4.2 Justificando uma Escolha:

Escolhemos, para desenvolver a ação proposta neste trabalho, o Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, situado na Rua Prof. Souza Brito, s/nº, na Estrada do Farol, em Itapuã, na Cidade do Salvador- BA, por possuir um Curso de Magistério com 492 alunos matriculados. Pretendíamos, a partir das atividades que seriam planejadas e desenvolvidas em sala de aula com professores, alunos e funcionários do referido curso, envolver professores e alunos do 1º Grau, bem como membros da comunidade local.

A escolha do Bairro de Itapuã como área-objeto de estudo deveu-se, pelo nosso modo de entender, à necessidade de realizar um estudo sistemático, a partir da escola, envolvendo a comunidade local e buscando, através das ações planejadas com os diversos segmentos envolvidos, a compreensão e a reflexão sobre o seu patrimônio cultural, na dinâmica do processo social.

Acreditamos que o patrimônio cultural de qualquer bairro pode ser utilizado para análise e compreensão da realidade do presente e como referencial para construção e reconstrução da práxis pedagógica. Entretanto, confessamos que nos deixamos envolver também pelo bucólico, poético, romântico, que é Itapuã, cantada em prosa e verso:

... É bom passar uma tarde em
Itapuã,
Ao sol que arde em Itapuã,
Ouvir o mar de Itapuã,
Falar de amor Itapuã...

Vinicius de Moraes

4.3 Concepção Básica Inicial

Partimos de uma concepção básica inicial, construída a partir das reflexões apresentadas na introdução e nos itens 2 e 3 do presente trabalho. Quando analisamos a política cultural e a atuação dos museus no Brasil, procuramos realizar uma reflexão crítica, não como “mero constatar”, mas buscando entender para estabelecer um novo ponto de partida. Para este novo ponto de partida, buscamos uma preservação que está sendo efetivada, considerando os fenômenos sociais em sua “dinâmica real”, interpretando-os em sua origem, vigência e transformação. Nesse sentido, estão sendo levadas em conta, sobretudo, as características dos diversos grupos sociais envolvidos no projeto, considerando, principalmente, as diversidades culturais - as diferentes

maneiras humanas de ser, de estar no mundo, de viver, de valorar e de se expressar por meio de diversas linguagens. Para esse novo fazer museológico, apoiamos-nos na concepção antropológica de patrimônio, ou seja, todas as manifestações humanas, inclusive a cotidianidade, não mais admitindo os limites estéticos que antes lhe eram impostos, entendendo, também, a cultura em uma concepção ergótica e processual, como tão bem enfatiza Bosi (1982, p.39).

“A cultura como ação e trabalho. Se a cultura é uma soma de objetos que as pessoas têm ou herdaram, as pessoas ricas a têm e as pessoas pobres não a têm. A cultura dos pobres seria um nada, eles precisariam obter aqueles bens para serem cultos. O que é oposto à ideia de trabalho, porque nesta todos têm acesso à cultura: não se trata mais de um problema de classe, o ser humano será culto se ele trabalhar, e é a partir do trabalho que se formará a cultura. É o processo e não a aquisição do objeto final que interessa”.

Para analisarmos o contexto urbano como objeto museológico - portanto passível de ser musealizado - é necessário definirmos a cidade como forma, como lugar de forças sociais, como imagem; a cidade como artefato, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universo material socialmente apropriado pelo homem. Meneses (1985, p.199), ao definir a cidade como um artefato, registra que todo artefato é, ao mesmo tempo, produto e vetor de relações sociais. Sendo assim, a cidade é também lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais etc.

Entretanto, para o referido autor, estas duas imagens, ou seja, de artefato e de lugar onde agem forças múltiplas, não esgotam a realidade da cidade, porque esta é também a sua própria imagem, que se vincula a um fato social dinâmico de produção, circulação e consumo de determinados bens urbanos. Salienta que o nível específico do fato social em causa é o das significações e dos bens simbólicos. Ao chamar a atenção para o fato de que as representações urbanas não constituem mera expressão psicológica ou espiritual nem estrito ato cognitivo, mas um dos componentes da prática social global, que inclui o universo de valores, aspirações, legitimações, e critérios de inteligibilidade, Meneses destaca que falar em simbólico urbano é falar em ideologia. Para Castells (1983, p.99), só há simbólico urbano “a partir da utilização das formas espaciais como emissoras, mediadoras e receptoras das práticas ideológicas gerais”.

Nesse sentido, a proposta de um museu didático comunitário no Bairro de Itapuã procura abordar o bairro como forma, como lugar de ação de forças sociais e como imagem. O objeto do museu será o que é o bairro e a sua relação com o contexto da Cidade do Salvador, enquanto fenômeno que a análise científica está recuperando e interpretando; portanto, não estão sendo excluídos a cidade de hoje, o bairro de hoje com suas contradições, pois ambos só poderão ser compreendidos dentro de uma perspectiva histórica.

Quanto ao acervo que está sendo trabalhado, podemos identificá-lo como acervo **institucional** e acervo **operacional**. O acervo institucional está sendo formado, gradualmente, levando-se em consideração os contextos sociais e históricos que as peças documentam, levantando-se as demais referências

desses contextos, considerando-se valores modestos, anônimos, sem relevância estética, ou de ineditismo. Consideramos, pois, de vital importância, nesse sentido, toda a produção cultural que se refira ao universo do cotidiano e do trabalho. Ao acervo **institucional** está sendo incluído também material arquivístico e iconográfico, fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas, bem como toda a documentação urbana, coletados através de pesquisas sociológicas, históricas e antropológicas. Quanto ao acervo **operacional**, consideramos: a paisagem, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas.

Em síntese, consideramos os referenciais abaixo relacionados como norteadores das ações que estão sendo executadas:

- reconhecemos o papel ativo do sujeito que conhece e transforma a realidade;
- consideramos o processo educacional como responsável pela formação do cidadão, que deve reconhecer, no seu patrimônio cultural, um referencial para o exercício da cidadania;
- definimos como museu didático-comunitário, neste processo, o museu que está sendo organizado a partir da construção do conhecimento em sala de aula, tomando como referencial o patrimônio cultural local (o bairro e o colégio), em suas dimensões de tempo e espaço, na dinâmica do processo social. O comunitário é compreendido como a participação dos moradores locais

-
- estamos considerando o fato museal como a relação entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age (o objeto entendido no seu sentido mais amplo: material, imaterial). A realidade entendida, portanto, como um fenômeno fundamentalmente social;
 - compreendemos o processo museológico como as ações de pesquisa, preservação (coleta, registro e conservação) e comunicação, tendo como referencial o fato museal;
 - entendemos como patrimônio cultural a totalidade da vida e do meio ambiente, ou seja, o real na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural;
 - estamos trabalhando com uma Museologia que tenta contribuir para uma evolução democrática das sociedades;
 - procuramos reconhecer o patrimônio cultural de todos os grupos sociais, utilizando-os como instrumento de educação e desenvolvimento;
 - estamos agindo com base em uma proposta teórico-metodológica que está pautada no diálogo, no argumento e em contextos interativos;
 - realizamos uma mediação teórico-conceitual em todas as fases de desenvolvimento do projeto;
 - buscamos obter informações e conhecimentos selecionados, em função das diversas ações que serão desenvolvidas;
 - buscamos a socialização das ações museológicas de preservação, pesquisa e comunicação, aceitando que não é necessária a existência de uma coleção para que seja

instalado o museu. Neste sentido, a concepção do museu é a seguinte:

análise e reflexão sobre o patrimônio cultural, na dinâmica do processo social - produção de conhecimento -musealização do conhecimento produzido pelos técnicos, com a participação dos sujeitos envolvidos no processo;

- entendemos a função do museólogo-educador como mediador, atuando com os membros envolvidos no processo, considerando-os donos reais do seu passado e atores do presente.

ESTAMOS CAMINHANDO ASSIM, PORQUE:

No contexto de uma crise que atinge todos os segmentos da sociedade brasileira e, em especial, a educação e a cultura, aceitamos o desafio de acreditar que somos sujeitos da História e que juntos somos capazes de deflagrar um processo de crescimento conjunto, considerando o patrimônio cultural como um referencial para o exercício da cidadania e desenvolvimento social, por meio do processo educativo.

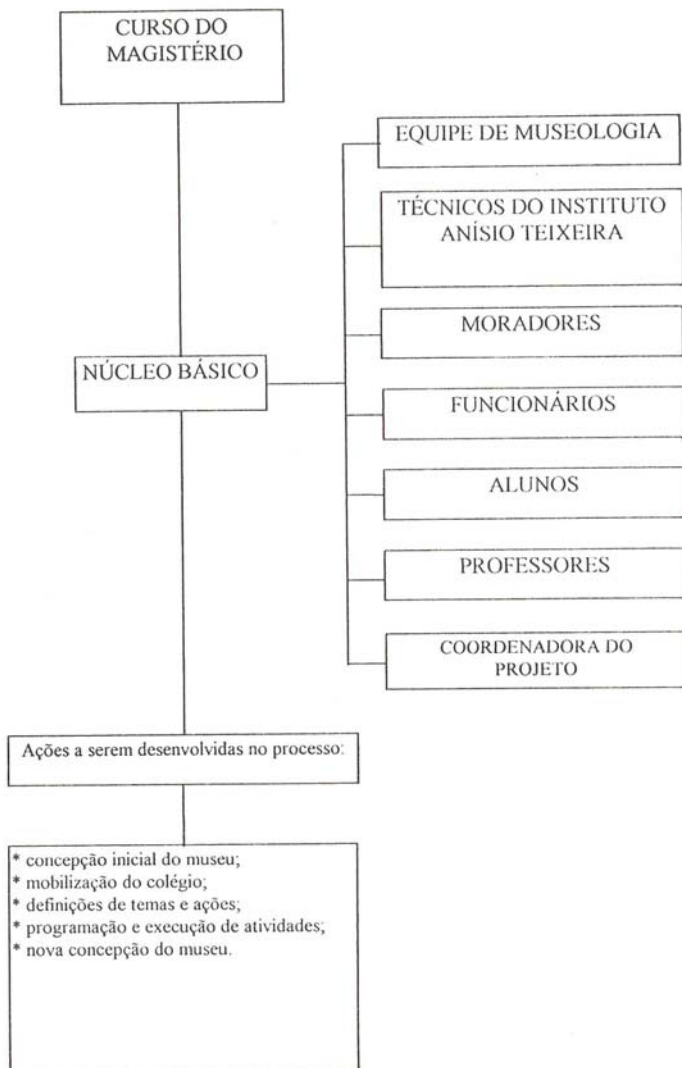


Foi estabelecido um elo com professores, alunos e funcionários do Curso de Magistério para direcionamento dos trabalhos. As etapas abaixo relacionadas foram propostas como objetivo de sensibilizar os participantes para o envolvimento no projeto e o direcionar os trabalhos. Foram sendo modificadas na dinâmica do processo de discussão conjunta, conforme está explicitado no capítulo 5.

1ª ETAPA

- Apresentação e discussão da proposta de trabalho com a direção, com os coordenadores e professores do Curso de Magistério do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior;
- contatos com coordenadores e professores das diversas áreas de ensino do 1º Grau para apresentação e discussão da proposta de trabalho e envolvimento dos mesmos nas diversas etapas do projeto;
- definição, junto aos corpos docente e discente do Curso do Magistério, de estratégias para o envolvimento da comunidade no presente projeto;

formação do seguinte núcleo básico:



2ª ETAPA :

- discussão com professores e estudantes do Curso de Magistério, coordenadores e professores do 1º Grau, com o objetivo de escolher temas e ações a serem executados;
- contatos com associação de moradores, irmandades religiosas, colônia de pescadores, outras instituições educacionais e demais órgãos da sociedade civil organizada para apresentação e discussão do presente projeto, motivando-os para a participação conjunta;
- análise e sistematização do material pesquisado sobre os temas selecionados e seleção dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, adequando-os aos conteúdos das diversas disciplinas oferecidas no curso de Magistério;
- seleção de estratégias e procedimentos para documentação e classificação do acervo produzido no processo para uso permanente dos participantes do projeto.

3ª ETAPA :

- planejamento das atividades por técnicos, coordenadores, professores e estagiários de Museologia, envolvendo membros da comunidade local;
- produção de material didático a ser utilizado, como textos, recursos audiovisuais, mapas, reproduções fotográficas, exposições temporárias etc., com a participação dos diversos segmentos envolvidos;
- execução e acompanhamento das programações;

- planejamento e organização, juntamente com os diversos segmentos envolvidos, do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, que deverá ser o responsável pela organização, classificação e documentação de todo o material produzido nas diversas etapas do projeto, como também para dar continuidade ao processo iniciado através da presente pesquisa;

- registro das diversas etapas realizadas e análise dos resultados alcançados, apresentando-os, para discussão e avaliação, às diversas equipes envolvidas no projeto para, em seguida, serem publicados e divulgados.